

O INGLÊS NO MUNDO: LÍNGUA DE PRESTÍGIO

Patricia Denicoló David¹

RESUMO: *A atual busca de informação aliada à necessidade de comunicação em nível mundial exige o conhecimento de uma segunda língua. A língua inglesa é o instrumento que habilita as pessoas a se comunicarem com toda a comunidade internacional. Contudo, o inglês que se busca é um inglês de prestígio, provindo ou dos Estados Unidos, o inglês americano, ou da Europa, o inglês britânico.*

PALAVRAS-CHAVE: *Inglês. Comunicação. Prestígio.*

ABSTRACT: *The present search of information and the necessity of communication in a world level needs the knowledge of a Second Language. English Language is the tool which quality people to communicate with all over the world. But, people want to learn a prestige English, and it's from United States, American English or from Europe, British English.*

KEYWORDS: *English. Communication. Prestige.*

Em termos de prestígio, o inglês é a língua mais ensinada e mais falada do mundo. Este avanço global ocorre, significamente, por dois fatores; o primeiro é o fato das migrações de número considerável de falantes de inglês, das ilhas britânicas para lugares como Austrália, Nova Zelândia e América do Norte e os processos de expansão via conquistas político-territoriais como alguns países africanos, a África do Sul, por exemplo. O segundo fato envolve o contexto colonial da Ásia e África, que acarretou na expansão da língua, através do transporte de uma pequena extensão de falantes ingleses. Assim, o inglês tornou-se extremamente importante e útil para a maior parte da população local da Ásia e da África. Desde a Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos ocupam posição de liderança no mundo, tornando-se credores dos países europeus e experimentando uma extraordinária expansão econômica. Com a Segunda Guerra Mundial, a partir de 1941, e mais tarde, em 1991, com a desintegração da União Soviética, os Estados Unidos caminham como “senhores absolutos”. Pode-se dizer que o mundo passa por um

¹ Aluna do Programa de Mestrado em Letras na área de concentração em Linguagem e Sociedade, da UNIOESTE, sob orientação da Prof^ª Dr^ª Maria Ceres Pereira.

processo de americanização, resultando portanto, numa proposta de globalização.

O que se pode perceber, é que a globalização não é apenas econômica, é também cultural, o que inclui desde a informação instantaneamente globalizada até o domínio do inglês, o idioma da globalização.

Devido à grande influência econômica e política dos Estados Unidos, a língua inglesa goza hoje de forte prestígio mundial.

O fato de determinadas línguas se colocarem como de maior prestígio sobre outras tem vários exemplos históricos, como o caso do francês até metade do século XX, ocasião em que tal língua desfrutou de enorme prestígio e foi proclamado como a língua da diplomacia. O “charme” da burguesia era mandar seus filhos estudarem em Paris, para melhor dominarem o idioma, o que além disso, dava aos filhos, em tese, melhor qualificação e status social.

O prestígio desfrutado pelo francês é atualmente desfrutado pelo inglês. E, isto não é por acaso, deve-se, pois, ao poder político, militar e econômico das nações que têm essas línguas como idioma nacional, evidenciando a nova busca atualmente, o grande “modismo” (PEREIRA, M.C e RINALDO C.V, 2005), é aprender inglês nos Estados Unidos ou na Inglaterra.

A atual busca de informação aliada à necessidade de comunicação em nível mundial já fez com que o inglês fosse promovido de língua dos povos: americano, britânico, irlandês, australiano, canadense e sul-africano, à língua internacional. Sendo falado como língua mãe por cerca de 400 milhões de pessoas, o inglês tornou-se a língua franca, o Latim dos tempos modernos, falado em todos os continentes por cerca de 800 milhões de pessoas. Estimativas, incluindo falantes com níveis de menor percepção e fluência, sugerem a existência atualmente de um total superior a um bilhão.

Certamente, ao eleger o inglês como a língua franca do mundo atual, sentenciou-se o monolingüismo, em termos de busca a uma 2ª língua, nos países de língua não-inglesa. Desta forma, não ter uma 2ª língua, hoje, é quase equivalente a se tornar um “analfabeto”, um “iletrado” com oportunidades minimizadas.

O Brasil tem recebido e acolhido empresas multinacionais e, nestas, os altos funcionários brasileiros precisam ser hábeis no uso da língua inglesa. Esta tem sido a língua que habilita a comunicação internacional. Se, dentro dos

limites de nosso país esta é uma realidade, também é pela língua inglesa que nosso país ganha visibilidade internacional.

Perante esses fatos, a língua inglesa hoje caracteriza-se como o código lingüístico apropriado para satisfazer as necessidades e expectativas daqueles que anseiam em participar da comunidade internacional, quem não se utilizar desse instrumento, estará parcialmente excluído, como exemplo, pode-se citar os materiais bibliográficos, teóricos, jornais, aeroportos e controle de tráfico aéreo, conferências acadêmicas, ciência, música, tecnologia, medicina, diplomacia, competições internacionais e outros contextos, os quais, em grande parte, apresentam-se em língua inglesa. Considerando estatísticas analisadas pela “Cambridge Encyclopedia of Language” (in Tollefson, 1995), mais de dois terços dos cientistas do mundo escrevem em inglês e de toda a informação eletrônica mundial 80% é armazenada em língua inglesa. Outro exemplo que confirma a hegemonia do inglês é citado por Magalhães (1999):

A ONU adota seis línguas para suas traduções oficiais (inglês, francês, espanhol, russo, árabe e chinês). O inglês e o francês são considerados idiomas de trabalho. Na prática, porém, 90% dos documentos preparados pela Secretaria Geral da entidade são redigidos apenas em inglês. (p. 04)

Também deve-se levar em conta a expansiva presença dos estrangeirismos, que reflete a condição de país economicamente dependente do capital estrangeiro, principalmente o americano. Essa dependência é mostrada por Gonçalves (1999):

[...] a economia brasileira apresenta um dos mais elevados graus de internacionalização da produção por meio da presença de empresa de capital estrangeiro no aparelho produtivo do país [...] em período de três anos (1996-98). (p. 14)

O Brasil experimentou a penetração do capital estrangeiro como nunca antes de toda a sua história, o que automaticamente reflete no uso de termos estrangeiros também, caracterizados como estrangeirismos.

Câmara Junior (1964) define os estrangeirismos como:

[...] empréstimos vocabulares não integrados na língua nacional, revelando-se estrangeiros nos fonemas, na flexão e até na grafia, ou aos vocábulos nacionais empregados com significação dos vocábulos estrangeiros de forma semelhante. (p. 136-137)

O português tem recebido vocábulos de línguas modernas, como resultado das relações políticas, culturais e comerciais com outros países. Na área técnica, o inglês tem fornecido uma vasta nomenclatura, demonstrando que o processo de mudança lingüística está intimamente relacionado com a história sócio-política-cultural de um povo. Para muitos brasileiros, a língua portuguesa já não basta para descrever ou compreender o cotidiano. Muitos profissionais das áreas comerciais e administrativas de empresas empregam largamente os anglicismos². Eles trabalham em *business*, elaboram *presentations* sobre *market sharing* e preocupam-se em coletar o *customer feedback*. Não somente o campo científico e tecnológico recebem tamanha influência de vocábulos ingleses. Em seu último avanço, chega-se ao ponto em que as lojas fazem promoções com *n.º % off*. Em muitos escritórios da cidade, não se pode tomar um cafezinho sem ir até o *meeting point*. E se você estiver em uma reunião, não se pode tomar café sem pedir para que se faça um *coffee break*. Além de todas essas formas de incorporação, existem as palavras inglesas vistas com maior frequência no comércio, como: *delivery*, *recall*, *self-service*, *drive-thru* e na publicidade, seja em vitrines de lojas ou anúncios de televisão, rádio, revista e jornal que, por não se utilizarem de uma linguagem técnica, como a informática, por exemplo, estão em maior contato com a população no geral.

Ao observar o espaço ocupado pela língua inglesa no mundo, há que se destacar que não há “um inglês” no mundo, mas vários. A língua inglesa encontra diversos modelos de prestígio no inglês britânico, da Inglaterra e no inglês americano, o inglês falado nos Estados Unidos. É importante ressaltar variedades de inglês de menor prestígio como: o inglês indiano, o inglês sul-africano, e o “Black English³”. Estas variantes não são muito visibilizadas, em decorrência da divisão política e econômica entre os povos do mundo. Há uma tendência para se considerar algumas línguas ou variedades como superiores, enquanto que outras são consideradas desprivilegiadas. Mello (1999), corrobora explicando que “*algumas variedades recebem status de língua, enquanto outras recebem o de dialeto*”. Não existem razões lingüísticas propriamente ditas para tal classificação. As razões são de ordem ideológica, política, econômica, social, cultural, etc. Conforme Wolfson (1989, in Mello), a variedade padrão é aquela falada por aqueles que detêm o poder econômico e cultural, é

² Elementos lexicais oriundos das línguas européias.

³ O “Black English” é a variante utilizada nos Estados Unidos pela comunidade lingüística formada por afro-descendentes.

aquela dominada por uma elite, é uma variedade de prestígio. Do lado oposto, tem-se todas as demais variedades (não-padrão), que em geral são variedades socialmente estigmatizadas.

As variedades que adquirem prestígio, como o inglês britânico e o americano, passam a ser oficialmente reconhecidas através das gramáticas, dos dicionários, das comunicações oficiais e principalmente pelas escolas que ensinam uma 2ª língua, no caso, inglês. Sendo assim, a maioria das pessoas que procuram aprender inglês, buscam sempre aquela variedade que é tida como a padrão, a ideal, o que é para muitos uma forma de ascensão social, de prestígio. Segundo Wolfson (1989, in Mello), “esta é a principal razão pela qual a variedade prestígio é sempre aquela ensinada na escola”. Para muitas pessoas, incluindo professores, a variedade não-padrão é vista como um sinal de estupidéz ou até mesmo de incapacidade de organizar o pensamento lógico. Assim, as pessoas que não dominam a variedade padrão estariam fadadas ao insucesso.

Segundo Kachru (1985, *apud* Tollefson, 1995), o inglês tem se concentrado em três círculos (grupos) de usuários. O primeiro é o Círculo Interno, que corresponde ao uso da variedade mais antiga do inglês, em lugares onde ele é a primeira ou a língua dominante, como Estados Unidos, Inglaterra, Canadá, Austrália e Nova Zelândia. Nestes países, certamente existem outras línguas que são faladas, porém quando se trata de discursos na mídia, do governo, educação, etc, só o inglês é utilizado.

O outro grupo é caracterizado como Círculo Externo, o qual compreende países onde o inglês tem uma longa história de funções institucionalizadas e permanece como uma língua de importante papel na educação, governo, literatura e cultura popular como Índia, Nigéria, Paquistão, Singapura e África do Sul. A Índia tem a terceira maior população de usuários de inglês no mundo, antes dela vem Estados Unidos e Inglaterra, e a Nigéria e as Filipinas estão seguindo os passos da Índia, no sentido de maior população de falantes de inglês.

O último grupo é o Círculo de Expansão, onde o inglês tem vários papéis e está sendo amplamente estudado, mas não para os mesmos propósitos do Círculo Externo e sim para fins técnicos e conhecimentos científicos. Alguns países que se encontram neste grupo são: a China, Indonésia, Irã, Korea e Nepal.

O inglês é a língua oficial na Índia, Nigéria e diversos outros países do Círculo Externo. Todavia, quando se fala em aprender uma 2ª língua, a busca pela mesma se pauta por princípios ideológicos. Não é qualquer língua a desejada, percebe-se uma forte tendência à

língua inglesa e, certamente, o inglês desejado é o que se destaca no cenário político: assim, é o inglês dos Estados Unidos ou é o inglês da Inglaterra. Apagam-se os outros ingleses: o australiano, o sul-africano, o indiano e outros que se possam pensar.

O inglês americano (dos EUA) e o inglês britânico (da Inglaterra), pertencem ao grupo do Círculo Interno, que segundo Elias (1990) seriam nomeados como os “Estabelecidos” ou “Established” em inglês, que designam grupos e indivíduos que ocupam posições de prestígio e poder. Um “Established” é um grupo que é reconhecido como mais poderoso e melhor, uma identidade construída a partir de uma combinação de tradição, autoridade e influência. Os demais grupos que se enquadram no Círculo externo e de Expansão, seriam os “Outsiders”, ou seja, os membros que estão fora, excluídos do grupo mais poderoso, superior socialmente. O fato de os membros dos dois grupos falarem com um sotaque e uma fluência diferentes a língua em que ambos se expressam, serve como sinal de reforço, que torna os membros do grupo estigmatizado mais fáceis de reconhecer em sua condição.

O grupo pertencente ao Círculo Externo ou os “Outsiders” desenvolvem o desejo de imitar um ou outro modelo, pertencente ao grupo do Círculo Interno, os estabelecidos. É essa oligarquia, essa elite autoritária, que dita as regras ideológicas do bom falar, da língua considerada a boa, a certa, a bonita. Um exemplo é a própria Índia, que procura falar o inglês britânico.

É um mundo em que a desigualdade é estruturada e legitimada pelo lingüicismo, que de acordo com Skutnabb-Kangas (1988, in Mello) é definido como “ideologias, estruturas e práticas utilizadas para legitimar, realizar e reproduzir uma divisão desigual de poder e de propriedade de bens (materiais e não-materiais) entre grupos definidos com base na língua”.

Para avaliar as hierarquias lingüísticas, deve-se pensar em fatores econômicos e políticos, sobre como os recursos são oferecidos para uma ou algumas línguas, mas não para outras e sobre ideologias que legitimam tais preferências e que tendem a glorificar algumas línguas e estigmatizar outras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. Trad. Sergio Miceli e outros. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998.

- CAMARA JR. J. Mattoso. *Manual de Expressão Oral e Escrita*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- CARVALHO, Nelly. *Empréstimos Lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1989.
- CHAUI, Marilena. *O que é Ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- ELIAS, Norbert. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- GONÇALVES, Reinaldo. *Globalização e Desnacionalização*. São Paulo: Paz e Terra. 1999.
- MELLO, Heloísa A. Brito de. *O Falar Bilingüe*. Goiânia: UFG, 1999.
- PEREIRA, Maria Ceres e COSTA, Rinaldo. *Bilingüismo e opção pela 2ª língua em contexto formal – uma política lingüística indefinida?* Capítulo de livro em andamento pela UFG – Heloísa Mello (organizadora), 2005.
- SKUTNABB – KANGAS, Tove. *Bilingualism or Not*. Waterstones, 1979.
- STEVENS, Cristina M. T. *Quando o Tio Sam pegar no tamborim: uma perspectiva transcultural do Brasil*. Brasília: Plano: Oficina Editorial do Instituto de Letras UnB, 2000.
- TOLLEFSON, W. James. *Power and Inequality in Language Education*. Estados Unidos: Cambridge, 1995.